

ROUSSEAU UMA SAGA FASCINANTE

Ana Paula Arantes Lima MANZAN¹
Universidade de Uberaba – UNIUBE

Gustavo Araújo BATISTA²
Universidade de Uberaba – UNIUBE

Sueli Teresinha de ABREU-BERNARDES³
Universidade de Uberaba – UNIUBE

RESUMO

O presente artigo é um levantamento bibliográfico sobre a vida do grande filósofo Jean Jacques Rousseau, apresentando sua trajetória e os desafios aos quais enfrentou ao longo da mesma. Rousseau viveu na época do iluminismo, onde a razão prevalecia, é nesse contexto que surge os embates que Rousseau enfrentou, pois acreditava que as paixões, sentimentos, atitudes e razões que fazem parte da natureza humana devem ser levadas em consideração. Considerando-se que, vivendo em um estado natural, o homem não seria corrompido pela sociedade, deixando claro em sua obra que há dois sentidos denotados para o homem, ou seja, o homem em seu estado natural e o homem no estado civil, demonstrando como é notável essa mudança. Uma das obras mais discutidas de Rousseau na área da Educação é intitulada como “Emílio ou da educação”, esta obra é dividida em cinco fases, nas quais o autor se torna um personagem e narra como deve ser educado em toda a sua extensão o menino Emílio, passando do estado da natureza para o estado civil, preparando a criança para enfrentar cada fase de sua vida. Rousseau baseia sua obra em suas próprias experiências, deixando claro que não foi um exemplo, mas teve a coragem de compartilhar toda uma saga fascinante de sua vida.

Palavras-chave: Rousseau, estado natural, Emílio.

¹ Licenciada em Matemática e Pedagogia, Especialista em Matemática, Estatística. Mestranda em Educação. Professora dos cursos de Engenharias na Universidade de Uberaba, anapaula.daramina@gmail.com

² Licenciado em Letras e Filosofia, Doutor em Educação, Pós – Doutorado em Educação pela sua alma-mater. Professor no programa de Mestrado em Educação pela Universidade de Uberaba e na Fundação Carmelitana Mário Palmério. Pesquisador da RECENTRO.

³ Licenciada em Filosofia. Doutora em Educação, Mestre em Educação Brasileira e Mestre em Ciências e Valores Humanos. Professora do Programa de Mestrado em Educação pela Universidade de Uberaba. Pesquisadora da RECENTRO e do Observatório Internacional de la Profesión Docente.

Introdução

Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é nos dado pela educação.
Rousseau

Rousseau viveu no século XVIII, conhecido também como “século das luzes”, ou seja, cujo contexto histórico da época é o iluminismo (Era da razão). Assim muitos são os pensadores que acompanharam todo esse movimento cultural que surgiu nesse período, tais como Voltaire, Diderot, Montesquie, dentre outros.

É neste contexto histórico que Rousseau se opõe ao iluminismo, pois não considerava somente a razão como uma única realidade humana, mas levava em consideração a natureza humana, ou seja, as paixões, sentimentos, atitudes e ações.

Sua obra é baseada em si mesmo, assim utiliza como fonte de inspiração suas próprias experiências vividas, no preâmbulo do livro *Confissões* deixa esse objetivo bem claro:

(...) quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade; e serei eu esse homem”. E tomando uma linguagem quase profética, proclama: “Soe quando quiser a trombeta do juízo final: virei, como este livro nas mãos, comparecer diante do soberano Juiz. Direi altivo: Eis o que fiz, o que pensei, o que fui. Nada calei de mau, nada acrescentei de bom; e se me aconteceu usar algum ornato indiferente, não foi nunca para preencher um vácuo de minha falta de memória. Talvez tenha imaginado ser verdadeiro o que eu acreditava que o devesse ser, porém jamais o que eu soubesse ser falso. Mostrei-me tal qual era: desprezível e vil quando fui; bom, generoso, sublime, quando o fui; desnudei meu íntimo, tal como tu próprio o viste, ente eterno. Reúne ao meu redor a turba inumerável dos meus semelhantes; que eles ouçam as minhas confissões. Que gemam com as minhas indignidades, que corem com as minhas misérias. E que, por sua vez, cada um deles descubra seu coração aos pés do teu trono, com a mesma sinceridade; e após, que um só deles te diga, se ousar: Fui melhor que aquele homem.”

1. A vida de Jean Jacques Rousseau: uma saga fascinante

Rousseau nasceu em Genebra, na Suíça, em 28 de junho de 1712, mas esse dia ficou eternamente marcado em sua vida, pois dizia que seu nascimento custou a morte de sua mãe Suzanne Bernard dias depois de seu parto.

Seu pai cuja profissão era relojoeiro, sendo calvinista, cujo pai foi um huguenote exilado da França, Rousseau por meio de seu pai conheceu o fascinante mundo da leitura, uma pequena biblioteca deixada por sua mãe. Mas, sua vida não foi fácil e aos dez anos de idade passou por mais um momento de infelicidade em sua vida, tendo que se separar de seu pai, que se envolveu em uma briga com um capitão da França, ferindo o mesmo no rosto, e para não ser preso foge da cidade.

Assim, Rousseau e seu irmão sete anos mais velho, François, vão morar com um tio, Gabriel Bernard, irmão de sua mãe. Rousseau não frequentou escolas, mas seu tio o encaminhou juntamente com seu primo para serem educados no campo, longe dos conflitos sociais da época, com o ministro Lamercier.

Aos doze anos de idade Rousseau retorna a Genebra com seu primo, e começa a trabalhar com um tabelião tomando contato com todas as questões legais, mas não se adapta ao seu emprego e é demitido.

Em 1725 começa a trabalhar como aprendiz do gravador Abel Du Commen, mas este era um homem muito violento e grosseiro e Rousseau logo se desinteressa pela profissão. E assim chega aos seus dezesseis anos de vida, sem gozar dos prazeres da infância e do amor de seus pais, além da insatisfação pessoal com sua profissão.

Nessa idade vivia a perambular com amigos pela cidade e por vezes perdia o toque de recolher, ficando do lado de fora dos portões da cidade de Genebra. Temendo os castigos recebidos na época, fugiu da cidade e assim buscou refúgio do pároco de Confignon na Sabóia, que o encaminhou à jovem senhora Louise Warens para lhe ajudar.

Madame Warens exerceu importantes e diferentes papéis em sua vida, como mãe, amiga e também amante. Ela o envia a Turim com cartas de recomendações ao Albergue dos Catecúmenos onde se converte ao catolicismo abjurando do protestantismo. Por volta de 1729 retorna à casa de Louise e nesse período se dedica muito à leitura e ao estudo da música. Entre idas e vindas, entre estudos, seminários e alguns trabalhos, permanece em contato com a madame Warens até 1740, considerando que ela mesma lhe arrumava alguns empregos e também lhe pedia alguns serviços e viagens, pois considerava-lhe um homem de confiança.

Logo após sua separação, começa a trabalhar como tutor dos filhos do Jean Bonnet de Mably durante um ano e escreve um *Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie*.

Em 1742 volta a Paris e apresenta para a Academia de Ciências um projeto que envolve novos símbolos para a aprendizagem de músicas, mas não é bem recebido pela Academia.

Conhece Denis Diderot uma das muitas pessoas que passaram por sua vida e se tornou seu amigo e que também exerceu profunda influencia sobre ele, ajudando-o a aprimorar seu sistema musical. Rousseau não possui influencia na sociedade da época assim, começa a se entrosar através das música e da poesia, arruma um emprego de secretário na casa da família Dupin. Em seguida, começa a trabalhar como secretário da embaixada francesa em Veneza, tentando de toda forma se mostrar um bom funcionário, mas o embaixador não reconhece seus esforços.

Nesse mesmo período escreveu a ópera ‘*As musas galantes*’, e para a surpresa de todos, e um dos pontos mais questionados em sua grande obra pedagógica, une-se a Thérèse Levasseur, juntos tem cinco filhos, mas todos são abandonados por eles em orfanatos.

Conviveu com um grupo de enciclopedistas aos quais ajudou a escrever muitos artigos ligados à música. Em 1749, seu amigo Diderot foi preso por escrever uma obra intitulada como *Lettre sur lês aveugles*, obra a qual ofende um nobre influente, decidido a visitar seu amigo na prisão em Vincennes. Rousseau, enquanto caminhava em direção à prisão, encontrou no chão um folheto que tratava sobre um concurso na Academia de Dijon, assim envia seu trabalho “Discurso das Ciências e das Artes”, e ganha o primeiro prêmio do concurso.

Nesse discurso ele denuncia que a ciência e a arte podem corromper o homem, sendo um conflito entre a sociedade a qual o homem está inserido e a sua natureza humana, conquistando com isso seu sucesso e fama na sociedade. Mas esse mundo não era para ele, pois com isso começou a frequentar jantares, saraus, bailes, entre outros, não se sentindo a vontade em nenhum desses lugares, considerados para ele, artificiais.

Em 1751 torna-se tesoureiro do Banco de Dupin, mas os médicos o deixam enganado com uma doença que lhe atinge a bexiga, decide então deixar sua vida estabilizada pelo emprego no banco, e passa a ganhar a vida como copista de música.

Abandona tudo e volta para próximo de Paris, encontrando abrigo na casa de um amigo, o joalheiro Mussard. Nesse período Rousseau compõem a ópera *Le Devin Du village* e o prefácio do *Narcisse*. Utilizando a mesma ideia da peça *Narcisse*, decide participar de um concurso na Academia de Dijon, onde inscreve seu novo trabalho intitulado como “O discurso sobre a desigualdade entre os homens”, no qual ele considera que a civilização se encarrega de introduzir entre os homens a desigualdade.

Por volta de 1756 sua amiga, Madame d’Épinay, nas proximidades de seu castelo, local conhecido como l’Ermitage próximo a Montmorency, manda reformar uma casinha especialmente para Rousseau morar, nesse período escreve os ‘Excertos e Juízos do abade de Saint Pierre’, e também a ‘Carta sobre a Providência’ a qual endereça a Voltaire.

Em um dos seus passeios pela floresta de Montmorency começa a dar vida a um de seus romances *Julie*, sonhando com um amor correspondido entre dois amantes, reunindo nesse romance seus principais amores. Mas, para sua surpresa conhece a condessa d’Houdetot, cunhada da Madame d’Épinay a qual se apaixona secretamente, e a transforma na personagem principal de seu romance. Seu romance *Julie* ficou conhecido como *A nova*

Heloísa, sendo publicado em 1761 quando rompe o relacionamento com vários amigos que lhe zombaram por se apaixonar pela condessa, inclusive com seu amigo Diderot.

Depois desses contratempos em sua vida Rousseau recebe de seu amigo marechal de Luxemburgo um convite para morar em seu pequeno castelo de Montmorency, assim consegue prosseguir com sua obra, escrevendo a primeira versão do *Emílio* e trabalha no livro “O contrato social”.

É com grande satisfação que em 1762 o autor publica suas grandes duas obras “*Emílio*” e “O contrato social”, mas para sua surpresa são renegadas pela sociedade, sendo o Contrato Social impresso em Holanda, e sendo proibido na França. Já a obra *Emílio* é impressa em Paris, e Rousseau é denunciado em Sorbonne, e sua obra devendo ser queimada. Assim, Rousseau decide fugir para a Suíça, mas suas obras também são condenadas em Genebra, restando apenas o refúgio nas terras do rei da Prússia, em Neuchâtel.

Em seu refúgio ele escreve a Carta a Christophe de Beaumont, sendo esse o arcebispo de Paris, essa carta é uma defesa ao seu livro *Emílio*. Rousseau escreve ao conselho de Genebra renunciando a sua cidadania, por volta de 1763, mas a posição do conselho aparece em resposta a ele através de um artigo intitulado como *Cartas escritas do campo* pelo procurador geral Tronchin. Rousseau não se intimida e publica um artigo com o título em resposta à carta do procurador como *Cartas escritas da montanha* em defesa de “*Emílio*” e “O contrato social”.

E mais um golpe da vida atinge Rousseau, um dentre aqueles que se diziam seus amigos, Voltaire espalha alguns panfletos pela cidade, falando horrores sobre ele, acusando-o de hipócrita, amigo ingrato e a culpa que ele carregara por toda a eternidade de um pai desnaturado, esse fato caiu como uma bomba sobre ele. Rousseau ficou completamente atordoado, em total estado de choque, quando recobra seus sentidos começa a escrever sua autobiografia o livro “*Confissões*”.

Esse foi um período bem difícil em sua vida, muitas foram as acusações e perseguições sofridas por ele, até mesmo pedras foram jogadas em sua casa em Môtiers. Não aguentando mais esta situação, tenta refúgio na ilha de Saint-Pierre, em Neuchâtel, mas como era um território de Berna, recebe uma intimação para deixar o local em 24 horas.

Recebe ajuda do príncipe de Conti, François Louis de Bourbon, onde consegue chegar à Inglaterra em janeiro de 1766. No ano seguinte, retorna à França e consegue abrigo na casa de Mirabeau o ministro das finanças de Luís XVI, em seguida, no Castelo de Tryemas, por receio ou medo começa a usar um pseudônimo “Jean Joseph Renou”, publicando assim um Dicionário da Música.

Em meio a tantas turbulências em sua vida, resolve oficializar sua união com Thérèse em Bourgoin, em agosto de 1768, mulher a qual sempre esteve ao seu lado, apesar de todos os problemas que enfrentou. Por volta de 1770 volta à Paris e termina sua autobiografia, ou seja, seu livro “Confissões”, sendo as leituras públicas do mesmo, proibidas pela polícia. Também escreve na mesma época *Considerações sobre o governo da Polônia*.

E assim Rousseau segue sua vida, para se sustentar continua a copiar músicas, escreve “Diálogos – juiz de Jean-Jacques”, no qual em seu terceiro diálogo realiza um importante comentário a respeito do Emílio:

Esses escritos seguiam certa ordem que era preciso descobrir para seguir o encadeamento do conteúdo [...] essa ordem era inversa à da publicação e [...] o autor, remontando de princípios em princípios, só atingira os primeiros nos seus últimos escritos. Era preciso, portanto, para avançar por síntese, começar por estes últimos, e foi o que fiz, abordando em primeiro lugar o Emílio, pelo qual ele acabou, sendo que os dois outros escritos que ele publicou depois já não fazem parte do seu sistema, sendo destinados apenas à defesa pessoal da pátria e de sua honra [...] o Emílio [...] não é mais do que um tratado sobre a bondade original do homem, destinado a mostrar como o vício e o erro, alheios à sua constituição, introduzem-se nele vindos de fora e o alteram imperceptivelmente. (Rousseau, 2004).

Como podemos observar Rousseau nesse terceiro diálogo quis realizar uma defesa em favor de Emílio, obra que escreveu com muita dedicação e carinho, sendo que essa obra ele tinha ainda o desejo de conseguir que a sociedade o entendesse, ou melhor dizendo, de se explicar para a sociedade. Em 1776, termina de escrever os ‘Diálogos’ e começa a escrever os “Devaneios do caminhante solitário”, onde volta a tratar sobre o abandono dos filhos e a questão da educação. Chama seu amigo Pierre Prévost e lhe confia o término de uma de suas grandes obras “Emílio e Sofia”, ou “Os solitários”.

Em maio de 1778 muda-se para Ermenonville, e reside na casa do marquês René Girardin, vindo a falecer em 02 de julho de 1778, antes mesmo de terminar o 10º Passeio dos Devaneios. Foi sepultado ali mesmo em Ermenonville, mas durante a Revolução Francesa, teve seus restos mortais removidos para Panteão.

2. Rousseau e o estado da natureza

Rousseau deixa claro em sua obra, que denota dois sentidos de homens, que seria o homem no estado natural e o homem no estado civil. Mas, o que seria o homem em seu estado natural? Esse estado natural a que ele se refere seria um homem cuja sociedade ainda não o corrompeu, ou seja, conservar no ser humano os seus sentimentos naturais e mais primitivos. Segundo Paiva (2007, p.3):

A formação do coração se inicia com a educação da natureza, o primeiro mestre. Realiza-se por meio de uma intensa sondagem de si mesmo com vistas ao autoconhecimento e ao autocontrole de todas as suas emoções, paixões e capacidades. Sondar o coração também pode ser revestido de um sentido de prospecção das virtudes naturais, impressa na alma pela Natureza, para ser utilizadas como guias das ações humanas.

Podemos ver que na obra Emílio, o mesmo foi isolado da sociedade em suas primeiras fases da vida, vivendo em meio ao campo, para Rousseau essa educação é a melhor, pois pode proporcionar ao homem o desenvolvimento de todas as suas qualidades e sentimentos.

Lógico que não podemos esquecer que o homem precisa viver em sociedade, assim precisou sair desse estado primitivo ao qual se encontrava, e passou a ter necessidades morais, culturais e físicas, sendo considerado o homem no estado civil, mas isso possui uma série de implicações, nas quais Rousseau traduziu muito bem em sua obra “O contrato social”:

A passagem do estado de natureza para o estado civil determina no homem uma mudança muito notável, substituindo na sua conduta o instinto pela justiça e dando às suas ações a moralidade que antes lhe faltava. É só então que, tomando a voz do dever o lugar do impulso físico, e o direito o lugar do apetite, o homem, até aí levando em consideração apenas sua pessoa, vê-se forçado a agir baseando-se em outros princípios a consultar a razão antes de ouvir suas inclinações. Embora nesse estado se prive de muitas vantagens que frui da natureza, ganha outras de igual monta: suas faculdades se exercem e se desenvolvem, suas ideias se alargam, seus sentimentos se enobrecem, toda a sua alma se eleva a tal ponto, que, se os abusos dessa nova condição não o degradassem frequentemente a uma condição inferior àquela donde saiu, deveria sem cessar bendizer o instante feliz que dela o arrancou para sempre e fez, de um animal estúpido e limitado, um ser inteligente e um homem (1983, p.77).

A proposta para a educação de Emílio é que ele seja educado, para saber viver em qualquer sociedade e também enfrentar todos os tipos de problemas, de forma a não esquecer a sua condição natural, ou seja, a não trair seus sentimentos mais naturais. Assim, Emílio não foi educado para viver como um selvagem, mas foi preparado de forma gradual para ser inserido na sociedade.

Para Rousseau esse estado natural, não significa viver como um selvagem, cercado por fogueiras, caçando, guerreando, ou seja, naquele estado mais primitivo que conhecemos a história da civilização. Esse estado natural quer dizer que o homem precisa analisar mais suas atitudes, possuir mais generosidade em seus atos, ser bondoso, deixando de lado seus vícios, a maldade, os erros, pois o homem quando está nesse estado natural encontra a felicidade, a paz interior.

4. Rousseau e sua obra

Rousseau deixou um grande legado para a humanidade, sua obra foi difundida para todo o mundo, mas lhe rendeu muitas perseguições e até mesmo uma condenação. Mas, nem por isso deixou de escrever, sua obra "Emílio ou da educação" para muitos é uma das mais discutidas e também questionadas, pois como uma pessoa pode escrever um livro que ensina como educar um ser até sua fase adulta, mas que em sua vida particular e pessoal chegou a abandonar seus filhos.

Mas, apesar de tudo o que se passou em sua vida essa é uma obra fascinante, e que merece todo o nosso respeito e análise filosófica. Quem lê essa obra reflete muito sobre a vida e seu cotidiano, e percebe que Rousseau já naquela época poderia prever todos os encaixes e tumultos que as pessoas poderiam passar com a correria de seu dia-a-dia.

Paiva descreve muito bem a obra Emílio ou da Educação de Rousseau:

Geralmente a obra educacional de Rousseau suscita polêmica e interpretações equivocadas, principalmente em torno das finalidades que a ação pedagógica empreende. O que é Emílio? Do que se trata? O autor quis transmitir ao escrever essa obra que foi condenada em Paris e em quase toda a Europa no século XVIII? Afirmamos em outro lugar (PAIVA, 2007) que a obra se trata de um mosaico de ideias e um quebra-cabeça cuja montagem se vale de peças dos mais diferentes matizes e que se encontram espalhadas nos escritos e na vida desse controverso filósofo que inquietou toda sociedade francesa e europeia de seu tempo (2010, p. 136).

Sua obra é dividida em cinco livros, assim Emílio não foi criado para viver de forma isolada, longe da sociedade, mas para viver suas primeiras fases longe da urbanização. Rousseau dizia que sua obra era a única em que tratava sobre a arte de formar os homens, sendo essa parte esquecida em todas as demais.

Paiva descreve os motivos que levaram Rousseau a criar a obra Emílio ou da Educação:

Rousseau quer evitá-la, não quer que seu discurso seja interpretado como sermão. Prossegue dizendo que seu intento não é maldizer a educação de sua época ou provar seu erro, nem, tampouco, afirmar a superioridade de sua obra, mas marcá-la como reflexões da alma e como romance (2010, p.139).

Rousseau descreve suas próprias experiências, o seu estado de espírito, por isso suas obras geraram tantas polêmicas na época. Mas, mesmo assim não teve medo de tentar:

Porém, mesmo que possa incorrer em erro, o autor não teme em comunicar o que pensa porque fala de suas próprias ideias e suas reflexões: "Digo exatamente o que se passa no meu espírito". E, se não servir aos propósitos aos quais se destina, pelo menos foi uma tentativa. Até porque, como afirma, "todos se opõem ao estabelecimento, sem que ninguém pense me propor coisa melhor". (PAIVA, 2010, p.139).

Dessa forma, Rousseau em sua obra propõe que a formação humana é uma arte, assim é preciso tratar a criança como criança e o homem como homem, ou seja, tudo tem sua fase certa de acontecer. Assim, Emílio vive suas diferentes fases em sua vida.

No livro I, a primeira fase é considerada a idade da natureza, que ocorre até os dois anos de vida da criança, nessa fase é fundamental a presença e os cuidados que a mãe desenvolve com a criança, é uma fase de afetividade entre mãe e filho e também o contato com a natureza, proporcionando assim um bom desenvolvimento físico e também mental.

Continuando a idade da natureza no Livro II, teremos a segunda fase que acontece dos dois aos doze anos de vida da criança, nessa fase há os desenvolvimentos dos sentidos como audição, visão, olfato, dentre outros. Passando a construir um mundo de significações e representações, essa fase é muito importante, pois é nela que devemos ficar atentos, como no caso do Emílio, para o desenvolvimento da moral, além também do desenvolvimento físico e intelectual. Segundo Paiva, baseado em seu estudo sobre Rousseau:

Sua formação intelectual depende inteiramente da realidade empírica e qualquer aprendizado de cunho abstrato e livresco será ineficaz. É por essas experiências práticas que o educando terá condições de construir um conjunto de regras morais e aprender a diferença entre o bem e o mal, até atingir a "obra-prima de uma boa educação que está em fazer um homem razoável" (2010, p.152).

Deixando a idade da natureza e passando para a idade da força que acontece dos doze aos quinze anos de idade, no Livro III continua ainda o desenvolvimento da moral e também do intelectual além das forças físicas. Nessa fase é preciso o desenvolvimento de uma educação prática e útil, sendo feita através de experiências concretas e práticas.

Já em seu Livro IV, chamada de idade da razão e das paixões que ocorre dos quinze aos vinte anos de idade, considerada por muitos atualmente como uma fase crítica (adolescência), como será que Rousseau educou Emílio? Assim, nessa fase essas paixões e ilusões não serão reprimidas, mas educá-lo para saber conviver com todas essas realidades.

E na sua última fase de seu livro, Emílio adentra a idade da sabedoria e do matrimônio, que acontece dos vinte aos vinte e cinco anos de idade. Sendo que Emílio sai em busca de uma mulher ideal para contrair matrimônio, é assim que nesse cenário encontramos Sofia a sua futura esposa. Na última fase do livro além de receber uma linda lição sobre a formação do papel da mulher na sociedade, antes de contrair o matrimônio, realiza uma viagem pela Europa para complementar sua formação política.

Rousseau explica essa fase a qual Emílio viveu isolado da sociedade como uma estratégia de educação negativa. Segundo Paiva,

O isolamento é uma estratégia da educação negativa porque procura evitar a influência das condições sociais moralmente deterioradas sobre a primeira infância. O efeito do jogo do parecer, das paixões e da dissimulação poderia perverter a inocência infantil e fazer da criança um ser propenso à maldade. Não significa, porém, que o ato de isolar Emílio deva ser definitivo ou tão longo ao ponto de desenvolver nele o gosto pela misantropia. Como podemos ver ao longo do texto, à medida que Emílio cresce é reinserido no pleno convívio social e preparado para conviver com seus semelhantes de forma virtuosa (2010, p.154).

Rousseau preocupou-se em deixar como legado uma obra a qual ensina a formar o homem, mas através de experiências práticas, de suas boas ações, ou seja, escreveu um livro que tratava sobre a arte de formar o homem.

Considerações finais

Podemos perceber que Rousseau dedicou sua obra à refletir sobre suas próprias experiências e dificuldades enfrentadas. Analisando que o homem, em sua maioria, vive no palco da vida apenas de aparências, pois sua maneira de agir e falar não condiz com suas atitudes.

Considerando ainda que à medida que esse homem começa a adquirir cultura, ele está imerso no mundo das representações, tornando tudo à sua volta de forma artificial, onde considera o mundo como um teatro da vida, pois é pura representação das pessoas ao seu redor.

Apesar de tudo, não deixou de escrever poemas, óperas, dentre outras produções ligadas à arte, pois também considerava que a ciência e a arte são boas, mas é o próprio homem que a corrompe. Dessa forma, acredita que a arte e a cultura podem abrandar o seu instinto voraz do homem, pois exprime o belo e assim manifesta todos os bons sentimentos.

Lógico que não podemos pegar a obra de Rousseau e tratá-la como um tratado para a educação, mas sim como um projeto sócio-educacional, ou seja, precisamos também educar e preparar o homem para saber viver em sociedade, contudo os princípios da filosofia de Rousseau deveriam ser inseridos na formação de professores. Considerando que não devemos agir em sua época, mas sim transpor para o nosso século a volta do homem ao seu estado natural.

Referências

BECKER, Evaldo. **Questões acerca da história em Rousseau**. Disponível em: < <http://www.fflch.usp.br/df/cefp/Cefp8/becker.pdf>>. Acesso em: jan.2013.

DALBOSCO, Claudio Almir. **Aspiração por reconhecimento e educação do amor-próprio em Jean-Jacques Rousseau.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022011000300003&lang=pt>. Acesso em: jan.2013.

ESPÍNDOLA, Arlei de. **Jean-Jacques Rousseau e os Fundamentos Teóricos do Poder Político Legítimo.** Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/27-28/27-28-4.pdf>>. Acesso em: jan.2013.

MOURA, Nívea Daniela Santos. **Rousseau e o método no século XVIII francês.** Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/cadernos_ufs_filosofia/revistas/ARQ_cadernos_6/nivea.pdf>. Acesso em: jan.2013.

PAIVA, Wilson Alves de. **A formação do homem no *Emílio* de Rousseau.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022007000200010&lang=pt>. Acesso em: jan.2013.

PAIVA, Wilson Alves de. **Da reconfiguração do homem: Um estudo da ação político-pedagógico na formação do homem em Jean-Jacques Rousseau.** Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. 2010. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30072010-141045/publico/tese.pdf>>. Acessado em jan. 2013.

REIS, Claudio Araújo. **Rousseau e a arte de observar e julgar os homens.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100512X2002000100006&lang=pt>. Acesso em: jan.2013.

ROCHA, Carla Marlana; KRETZER, Jucélio; KLOZOVSKI, Marcel Luciano. **Rousseau e o Estado Contemporâneo.** Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EconRev/article/view/15083/9561>>. Acesso em: jan.2013.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões.** Tradução de Fernando Lopes Graça. Lisboa: Relógio D'Água, 1988.

_____. **Emílio ou da educação.** Tradução de Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Do contrato social;** Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes. Tradução de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. Coleção Os Pensadores. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SOETARD, Michel. **Jean Jacques Rousseau.** Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4675.pdf>>. Acesso em: jan.2013.

VIEIRA, Rejane Esther; BETINA, Souza Mendes. **Democracia segundo Rousseau: uma análise história sobre as principais ideias de Rousseau na obra “O contrato social” e sua contribuição para democracia na contemporaneidade.** Disponível em: <<http://revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br/index.php/rdfd/article/view/226/219>>. Acesso em: jan.2013.